



Investimento

Para leigos

Investir se resume sempre a uma escolha. A escolha do que fazer, da instituição financeira na qual colocará o dinheiro, do produto a escolher, do prazo em que ficará o dinheiro aplicado e do tamanho do risco que deseja e pode correr.

Será que existe uma regra básica quando se fala de investimentos? Quais os pilares que fundamentam um bom investimento? Mais do que tudo, como definir um bom investimento? Será só pelo resultado numérico?

Na verdade, são muitas variáveis que envolvem uma decisão de investimento:

- Retorno passado: Qual a rentabilidade nos períodos anteriores?
- Retorno comparativo: Qual o retorno do produto comparado com o indicador?
- Expectativa de retorno: Qual a projeção de retorno para os próximos períodos?
- Expectativa do investidor: O que espera do investimento?
- Objetivo do investidor: O que pretende com a aplicação?
- Risco do produto: Qual o tamanho do risco de crédito, mercado e liquidez?
- Volatilidade: Como varia a rentabilidade diária e mensal do produto?
- Desempenho do mercado: Como vem desempenhando o mercado (ações, juros ou câmbio)?
- Risco da instituição financeira: É uma instituição financeira confiável para deixar o dinheiro?
- Cenário econômico: Como está a economia mundial e local?
- Cenário político: Como têm desempenhado o governo e o Congresso?
- Desempenho do segmento econômico: Como tem desempenhado e quais as perspectivas do setor no qual o produto se insere?
- Patrimônio atual do investidor: Como está distribuído o patrimônio atual?
- Idade do investidor: É um investidor jovem, de meia-idade ou idoso?



Investimento

Para leigos

- Conhecimento sobre o mercado financeiro: Que experiência e conhecimento o investidor tem sobre os produtos do mercado financeiro?
- Perfil do investidor: Será um investidor conservador, moderado ou agressivo?
- Necessidade de liquidez: Por quanto tempo o dinheiro pode ficar aplicado?
- Relação entre renda e despesa: Qual o fluxo de caixa?
- Reserva de emergência: O investidor já guardou dinheiro para os dias nublados?

Como você deve ter notado, investir com sucesso não é fácil, mas, quando se tem conhecimento sobre o assunto, pode se tornar prazeroso. Confesso que todo mês faço o meu relatório de investimentos para ver como tem crescido ou diminuído o meu dinheiro, qual o retorno e se tem algum investimento que deve ser realocado.

Nesses momentos, sempre imagino experiências de lazer, viagens ao exterior, reunião com amigos e família, boa música, um bom vinho e um papo agradável. Em suma, pura alegria. Já li que, quando se manuseia dinheiro, alguns hormônios são disparados no nosso cérebro. Algo como comer chocolate. Hummmm...

Saber investir é, antes de tudo, uma arte que envolve um pensamento lógico, o que não quer dizer que, se você é músico ou psicanalista, não saberá investir corretamente. Em certa altura da estruturação do problema a ser resolvido, é sempre necessário um pensamento abstrato para juntar tantas variáveis, a ponto de este ato poder ser comparado à regência de uma orquestra sinfônica.

Aproveitando a dica da música clássica, feche os olhos e se imagine em uma grande sala de concerto. Hora de voar: você está em Nova York, no Lincoln Center. Escolha uma música conhecida que goste e ouça o som que está tocando na orquestra. Se a música estiver boa, orquestra afinada, é porque há harmonia entre todos os instrumentos, que começaram a tocar, na hora certa, as notas corretas.

O mundo dos investimentos é exatamente assim. Se você adicionar um produto na sua carteira que não combina com os demais, o resultado será uma total desafinação.

Por isso, é importante conhecer o funcionamento do mercado financeiro, os reguladores, os produtos, como analisar esses produtos e como juntar investimentos de forma a maximizar o retorno da carteira ao mesmo tempo que os riscos são minimizados.

1

A Engrenagem dos Investimentos

Altostrato

NESTA PARTE...

Entenda como funcionam os mercados financeiros, o que faz cada instituição e quem manda nos mercados.

Compreenda o jargão mais utilizado nos noticiários econômicos e que tem influência direta nos investimentos.

Aprenda como calcular se vale mais a pena comprar a vista ou a prazo e se seu investimento está ganhando da inflação.

- » **Conhecendo os diferentes mercados financeiros**
- » **Sabendo onde reclamar quando se sentir lesado**
- » **Aprendendo o que faz cada instituição**

Capítulo **1**

Os Mercados e Seus Participantes

É mais do que normal começar o assunto “investimentos” falando do mercado acionário, algo que ilumina nossa mente com gráficos e muitas cores. Freud certamente explicaria esse eletrizante estímulo. Muitos chegam até a pensar que é um jogo e, portanto, algo excitante. Mas, para quem está iniciando essa trajetória, é fundamental entender primeiro quem faz o que no mercado financeiro. Assim, quando chegarmos ao assunto bolsa de valores, será fácil compreender o passo a passo do investimento e a importância de o mercado ser regulado.

Meu objetivo é, portanto, que você dê um passo por vez, em um entendimento crescente sobre esses Mercados tão fascinantes, a ponto de merecer letra maiúscula por seus participantes.

Pronto para começar? Então, mãos à obra e deixe-se levar por esse incrível mundo dos investimentos e suas instituições.

Para Funcionar, Tem que Regular

Se você é jovem, pode parecer que tudo iniciou há muito tempo, coisa dos séculos passados. Mas, em termos de organização de um sistema complexo, nosso sistema financeiro começou a tomar o jeitão que tem hoje em dia lá nos idos de 1964, quando foi criado o Banco Central do Brasil.

Até chegar ao que somos hoje, já foram feitas muitas reformas, criados muitos órgãos de regulação e fiscalização, muitas associações do mercado e muitos entendimentos sobre o formato que devemos ter. Uma coisa é certa: até os famosos banqueiros entendem que se trata de um mercado em que deve haver confiança e que, portanto, merece ser não só regulado, mas autorregulado. Pode parecer estranho se impor regras rígidas a cumprir, mas é assim que acontece no mercado financeiro.

Não se trata de um mercado de gananciosos, que correm atrás do dinheiro feito loucos, um concorrente matando o outro. Há o entendimento generalizado de que, quando um “quebra a cara”, isso traz efeitos perniciosos para todos os outros participantes, sendo ruim para todos. Logo, vale a pena andar na linha e não sair por aí falando mal dos demais participantes.

Daí tratar-se de um mercado cheio de regras e, toda vez que uma instituição financeira bola algum produto novo, tem que estar nos conformes de alguma regra da CVM, Resolução do Banco Central ou Circular da SUSEP.

Os Diferentes Mercados

Hora de, finalmente, apresentar os Mercados. Veja a Figura 1-1.



Como pode notar, há três grandes Mercados: um voltado para os investimentos que serão abordados neste livro com mais detalhes — os feitos nos bancos e outras instituições financeiras —; outro voltado para o mercado de seguros e previdência privada aberta (os famosos PGBL e VGBL); e um terceiro que cuida dos famosos fundos de pensão, previdências fechadas que só aceitam determinado grupo de funcionários de uma empresa.

O mercado financeiro em si é dividido em dois grupos. Enquanto o Banco Central fica responsável por tudo que acontece nos mercados monetário, creditício e cambial, a CVM é a xerife do mercado de capitais.

Dá-se o nome de mercado de capitais ao mercado em que as empresas emitem títulos para se capitalizar no médio e longo prazo. É um mercado de investimentos, no qual ações, debêntures, Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRI), fundos de investimentos e outros produtos são negociados.

Já o mercado monetário é onde acontece a negociação de títulos, que tem interferência direta na produção de moeda. Entenda moeda como dinheiro, que pode ser físico, escritural apenas e, hoje em dia, até digital, invisível, mas que nos permite comprar livros, bons vinhos e pagar viagens fantásticas. São aqui negociados, por exemplo, os títulos públicos federais (Tesouro Direto) e CDB, que é um título de emissão dos bancos.

No mercado cambial trocamos moedas, como comprar dólares ou euros para pagar importação de bens ou, simplesmente, viajar para Nova York ou Paris.

Por fim, no mercado creditício ocorrem os empréstimos e financiamentos sem emissão de títulos. É onde vamos buscar dinheiro para comprar nossa casa própria e nosso carro, por exemplo.

Os Xerifes do Mercado

Como mencionado mais acima, os mercados financeiros são muito regulados e fiscalizados. Não é fácil dizer que vai cuidar do dinheiro dos outros e depois sumir com toda a grana. Logo, tem que ter órgãos fiscalizando e normatizando os serviços e transações nestes mercados. Ter bem claro até onde vai a fiscalização de um órgão e onde começa a do outro é fundamental para que o cidadão possa buscar informação e até ajuda no lugar certo quando se sentir lesado por alguma instituição financeira.

O mais famoso de todos os órgãos é, sem sombra de dúvidas, o *Banco Central do Brasil* (BC). Sua missão é assegurar a estabilidade do poder de compra da moeda e um sistema financeiro sólido e eficiente. Trata-se de um órgão autônomo desde março de 2021, após anos de muita polêmica no Congresso brasileiro. É uma instituição técnica e essencial à estabilidade econômica e financeira, indispensável ao desenvolvimento sustentável e à melhor distribuição de renda no Brasil. É ele que decide quanto e quando o governo deve imprimir moeda. Além de normatizar e fiscalizar os mercados monetário, creditício e cambial, tem um importante papel na fiscalização dos bancos. Se, por algum motivo, o seu banco “pisar na bola” e

você se sentir prejudicado, pode usar o canal *Fale Conosco* do site do Banco Central. Uma vez feita a reclamação, o banco tem até 48 horas para resolver o problema. Já usei mais de uma vez e funcionou.

A *Comissão de Valores Mobiliários (CVM)* é o próximo regulador importante, quando o assunto é investimento. Seu objetivo é estimular as pessoas a aplicar em títulos emitidos por empresas. Para que isso aconteça, a CVM tem papel fundamental na regulação e fiscalização de tudo que acontece no mercado de capitais, como na bolsa de valores e nos fundos de investimento. Um bom trabalho do órgão protege os pequenos investidores de fraudes e manipulação dos grandes investidores e dos administradores de companhias com ações negociadas em bolsa.



DICA

De forma simples, valores mobiliários são títulos ou contratos de investimento coletivo ofertados publicamente, por exemplo, ações e cotas de fundos de investimento.

Não posso deixar de dedicar algumas palavras à Superintendência de Seguros Privados (SUSEP). Afinal, é ela que está dedicada às seguradoras e que as fiscaliza e verifica se elas têm reservas suficientes para pagar as indenizações dos seguros que nós compramos, no caso de sinistros. Também se preocupa com as previdências privadas abertas para ajudar na aposentadoria do investidor. É muita responsabilidade das empresas de previdência com seus clientes, e a SUSEP tem que se certificar de que os investimentos que as previdências fizeram com o nosso rico dinheirinho será multiplicado e, desse modo, poderá honrar com os pagamentos futuros aos clientes. Por fim, a SUSEP também fiscaliza as famosas empresas de capitalização. Lembre-se da solicitação do seu gerente pedindo para ajudá-lo a comprar um título que, caso sorteado, lhe renderá R\$100.000,00 ou uma casa e que, ao fim de X prazo, lhe devolverá o dinheiro investido? Pois é, trata-se da tal capitalização, um produto que tem muito a ver com sorte.

Quem Fala com os Clientes

Toda essa fiscalização e regulação só existe para proteger o cliente das instituições que estão na linha de frente com o cliente final, como:

- » Bancos: O banco é a instituição financeira especializada em intermediar o dinheiro entre poupadores e aqueles que precisam de empréstimos, além de guardar (custodiar) esse dinheiro. Ele providencia serviços financeiros para os clientes, tais como saques, empréstimos, investimentos e muito mais.

- » Caixas econômicas: Atuam como bancos comerciais, mas têm finalidade social, oferecendo empréstimos e financiamentos.
- » Corretoras de câmbio ou de títulos e valores mobiliários: Nas quais se compram ações ou trocam-se moedas, por exemplo.
- » Fintechs: Empresas que aliam finanças com tecnologia, buscando soluções para as pessoas e empresas de forma tecnológica, por exemplo, bancos digitais (que não têm agência física) e instrumentos de pagamento.
- » Cooperativas de crédito: Cooperativa de pessoas com objetivo de oferecer produtos financeiros, ficando os clientes como “donos” da instituição.
- » Gestoras de recursos: As famosas “Assets”, administram recursos de investidores na busca de rentabilidade.
- » Instituições de pagamento: Empresa que presta serviços de pagamento.
- » Distribuidoras de valores: Fazem gestão de recursos e também vendem valores mobiliários.
- » Administradoras de consórcios: Empresa prestadora de serviços cujo objeto principal é a administração de grupos de consórcio.
- » Outras instituições não bancárias: Encontram-se aqui agências de fomento, sociedade de crédito ao microempreendedor, sociedade de crédito imobiliário, entre outras.

Há uma figura muito importante que também se relaciona com os clientes e que merece um parágrafo: os *agentes autônomos de investimento*. Esses profissionais representam as instituições financeiras e são autorizados pela CVM a prestar serviço comercial para essas instituições. Eles normalmente trabalham em escritório próprio, independente. É normal acreditar que o profissional que ajuda o cliente na corretora é um funcionário da casa, porém é muito comum hoje em dia que sejam autônomos, ganhando apenas um percentual do que conseguem de receita com seus clientes.

Amostra

- » **Compreendendo os diferentes prazos**
- » **Definindo termos importantes em investimento**
- » **Traçando a política de investimento**
- » **Separando seu dinheiro**

Capítulo 2

No Longo Prazo Estaremos Todos Mortos

Para John Maynard Keynes, um lorde inglês com rigorosa formação matemática e econômica, “no longo prazo, estaremos todos mortos”. Para ele, se não resolvermos o curto prazo, não haverá longo prazo.

Sua lógica faz todo sentido, mas é preciso entender bem o que é prazo para que seja possível desenhar estratégias de investimento que permitam alcançar as metas tão almejadas e realizar sonhos rocambolescos de prosperidade.

Sonhar é sempre bom, e quem não sonha não chega a lugar algum. Mas, na vida real, temos que ser consistentes com nossa realidade; por isso, é importante definir políticas de investimento condizentes com questões internas e externas da nossa vida, que reflitam nossos sentimentos e necessidades.

Vire a página e descubra como é possível, de uma forma prática, dar conta de tudo isso.

O que É Longo Prazo

Uma prática sempre muito útil é a definição dos termos. Muitos profissionais falam, por exemplo, que bolsa é investimento de longo prazo. Mas, afinal, o que é longo prazo?

A definição clássica, inclusive na contabilidade, é que tudo que será executado em até doze meses deve ser considerado curto prazo. Para mim faz todo o sentido, porque é um prazo pequeno para realizarmos algo.

Quando se trata de negócios, entretanto, precisamos de mais tempo. Na média, um ciclo econômico demora em torno de cinco anos. É, por exemplo, o tempo aproximado para um novo negócio deslanchar. Logo, tudo que vai demorar cinco ou mais anos é considerado longo prazo, sobretudo no Brasil. Em países maduros, como Estados Unidos, é normal considerar longo prazo como dez anos, mas, infelizmente, ainda não chegamos ao estágio deles, pois somos um país de muitas incertezas.

Se curto prazo vai até um ano e longo prazo é acima de cinco anos, não precisamos ter muitos neurônios para concluir que médio prazo fica nesse intervalo de tempo: entre um e cinco anos.



DICA

- » Curto prazo = até um ano.
- » Médio prazo = entre um e cinco anos.
- » Longo prazo = mais de cinco anos.

Mas para que é preciso saber isso? Para alinharmos nossa linguagem e porque prazo é uma variável muito importante quando se fala de decisão de investimento.

A Estratégia É a Alma do Negócio

Como tudo na vida, para investir e ganhar dinheiro para realizar seus sonhos, é necessário ter estratégia: uma forma de jogar o jogo que tem direção de longo prazo e regras claras e definidas. Isso possibilita antecipar possíveis eventos inesperados que, caso se tornem realidade, vão nos permitir fazer um desvio temporário para, em tempo certo, seguir rumo ao nosso objetivo maior.

Minha formação é em administração, cursei a graduação e o mestrado e, ao longo de décadas, estudo estratégia, como se fosse uma exímia jogadora de xadrez, embora pouco entenda de tão nobre jogo.

Vários estudos mostram, por exemplo, que a alocação estratégica é responsável por mais de 90% da rentabilidade de uma carteira de investimentos. Não é pouco, certo? Por isso, temos que ter todo cuidado ao definir a alocação estratégica de nossa carteira de investimentos.

Alocação estratégica é a divisão de nossos investimentos nas principais classes de ativos, como renda fixa, ações, multimercados e imóveis.

É mais importante definir o percentual do nosso investimento que será dividido entre essas grandes classes do que se vamos comprar ação da empresa A ou da empresa B.

Acontece que, de vez em quando, somos atingidos por um raio e ficamos amargando um gosto muito ruim na boca. Mas é preciso seguir em frente e, com toda a racionalidade que nos for possível, tomar decisões táticas que permitam tirar vantagem temporária desse fato novo de forma que, tão logo alcancemos nosso objetivo ou as coisas voltem ao normal, retornemos à nossa alocação estratégica.



DICA

- » Alocação tática — curto prazo, oportunidade temporária.
- » Alocação estratégica — longo prazo.

Política de Investimento

Outro fato importante no quesito estratégia é com relação a definições de requisitos básicos que, conjugadas com a estratégia de investimentos, definem a política de investimentos.

Política é um conjunto de regras. Logo, política de investimentos é o conjunto de regras que serão aplicadas ao investimento, de modo que, junto com a estratégia, seja possível atingir os objetivos traçados. Estamos, portanto, falando das diretrizes em relação às estratégias para alocação dos investimentos em um horizonte de longo prazo.

Estamos tratando de uma ferramenta de planejamento de grande valor, que permite que o investidor compreenda melhor as suas necessidades, assim como ajuda o consultor ou gestor na administração dos recursos. Embora não garanta o sucesso dos investimentos, uma política de investimento ajuda a disciplinar o processo de investimento e reduz a possibilidade de tomadas de decisões inapropriadas. Além disso, cria um padrão pelo qual a performance da carteira e o gestor podem ser avaliados.

A política de investimento especifica os tipos de riscos que o investidor deseja assumir e os seus objetivos e restrições de investimento. Assim,

todas as decisões de investimento devem ter como base a política de investimento, que deve ser periodicamente revisada e atualizada, uma vez que as necessidades do investidor mudam com o passar do tempo.

Uma política de investimento para um jovem de 25 anos pode ser:

“O objetivo da carteira é ganhar no longo prazo da taxa de juros brasileira, por meio do investimento em ações de empresas privadas bem administradas que observem os quesitos ESG (socioambiental e de governança corporativa) e que, além de ter demonstrado agregar valor aos acionistas nos últimos cinco anos, tenha perspectiva de crescimento no longo prazo.”

Como se vê, a estratégia da carteira está bem definida: 100% em ações, de controle não estatal, que esteja preocupada com questões sociais, de meio ambiente e governança e cujos relatórios financeiros e as estratégias tenham possibilidade de apresentar crescimento no longo prazo. Esse investidor não parece preocupado com o recebimento de dividendos nos próximos exercícios. Ele deseja ganhar no longo prazo. Afinal, é jovem e tem toda uma vida pela frente.

Política de investimento é um tópico fundamental quando se fala de investimentos. Por isso, fica aqui apenas uma introdução ao tema. Mais adiante voltaremos a falar do assunto.

Separando Seu Dinheiro

De modo geral, as pessoas organizam seus armários conforme o tipo de roupa. É comum que todos os vestidos estejam juntos, todas as camisetas em uma mesma gaveta, todas as calças em outro espaço, assim como as roupas íntimas e as meias.

Se separamos nossas roupas e até nossos talheres, é normal que também separemos nosso dinheiro. Organização é fundamental em tudo na vida. Mas como devemos separar o dinheiro? O mais sensato é separar por prazo, ou seja, dividir em valores e atribuir a eles objetivos com prazos de liquidez predefinidos.

Por exemplo, se você tem planos para viajar daqui a um ano e sabe que vai precisar de R\$10.000,00 para a viagem, então, esse valor vai entrar no bolo de investimentos que serão resgatados até esse prazo e que, portanto, não têm tempo para correr grandes riscos.

Outra parte do dinheiro pode correr mais risco, pois foi separada para a aposentadoria. Logo, há o planejamento de que não vamos precisar lançar mão desses recursos nos próximos trinta anos.

Mas, como a vida é incerta, temos que separar um pouco para emergências, algo que cubra seis meses de nossos gastos. Nessa grana, “ninguém tasca”. É nosso seguro contra incertezas e, portanto, deve ser alocado em investimentos de baixíssimo risco e com alta liquidez, tipo “pediu resgate, caiu na conta”.

O restante da sua poupança deve ir para investimentos de risco mediano, de acordo com o seu perfil de investidor. Mas esse é um papo para o Capítulo 21.

Amostra

Amostra

- » Medindo a economia
- » Entendendo como a inflação é domada
- » Medindo quanto o governo deve
- » Calculando nossas transações com o exterior

Capítulo 3

O Economês e os Investimentos

Investimento e economia são dois temas interligados. Isso porque, no mercado financeiro, você sempre investe em um instrumento financeiro, um título ou um fundo de investimento, que vai desaguar no governo ou em uma empresa, tanto no mercado de renda fixa como no de ações. Se for renda fixa e a empresa for mal, ela pode não ter dinheiro para pagar o combinado com o cliente. Se for ações, ela não pagará dividendos e pode até quebrar, levando seu rico dinheirinho para o lixo.

Ela pode ir mal por diversos motivos, um deles pode ser externo, por exemplo porque o governo tomou decisões erradas e empurrou a empresa para o buraco. Logo, ficar por dentro do que acontece na economia é mandatório para quem deseja investir bem seu dinheiro e prever possíveis riscos.

Então, esteja preparado para ler os jornais e revistas de negócios, assistir aos noticiários da TV sobre economia e, mais do que isso, entender o que você lê e ouve. Este é meu intuito neste capítulo: que você faça pontes entre os números da economia, os negócios e os investimentos.